

FORTALECENDO A HIGIENE DAS MÃOS EM HOSPITAIS: ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS ESSENCIAIS

*STRENGTHENING HAND HYGIENE IN HOSPITALS: ESSENTIAL
EDUCATIONAL STRATEGIES*

*FORTALECIMIENTO DE LA HIGIENE DE MANOS EN LOS HOSPITALES:
ESTRATEGIAS EDUCATIVAS ESENCIALES*

RENATA LOPES CRISPIM

Estudante de Enfermagem na Universidade UNIFACS, em Salvador, BA.

renataloppes20012@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-8998-0716>

MARIA EDUARDA VITÓRIO BATISTA MONTEIRO

Estudante de Enfermagem na Faculdade Maurício de Nassau, em Campina Grande, PB.

mariadudavitorio06@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-6391-2530>

PALOMA OLIVEIRA SOUZA

Estudante de Psicologia na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em Feira de Santana, BA.

palomaoliveirax37@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0001-8791-7801>

ANA CLARA DOS SANTOS DIAS

Estudante de Enfermagem na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em Teresina, PI.

anaclaradossdias@aluno.uespi.br

<https://orcid.org/0009-0004-1113-2268>

FORTALECENDO A HIGIENE DAS MÃOS EM HOSPITAIS: ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS ESSENCIAIS

STRENGTHENING HAND HYGIENE IN HOSPITALS: ESSENTIAL EDUCATIONAL STRATEGIES

FORTALECIMIENTO DE LA HIGIENE DE MANOS EN LOS HOSPITALES: ESTRATEGIAS EDUCATIVAS ESENCIALES

Resumo

Este estudo analisou a adesão e a prática da higienização das mãos por profissionais de saúde, uma medida crucial na prevenção de infecções hospitalares. Para isso, foram empregados diversos métodos, como a aplicação de questionários, observações diretas e análises de documentos institucionais, em ambientes hospitalares no Brasil e em outros países da América Latina. Os resultados indicaram que, embora os profissionais reconheçam a importância da higienização das mãos, ainda há lacunas significativas no conhecimento e na prática, especialmente nos momentos recomendados pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Observou-se, ainda, que a escassez de infraestrutura – como pias acessíveis, dispensadores de álcool em gel e campanhas educativas contínuas – compromete a adesão ao protocolo. Em contrapartida, instituições que investiram em educação continuada, auditorias e suporte gerencial demonstraram melhores indicadores de conformidade. Conclui-se que, para promover uma cultura de segurança do paciente eficaz, é necessário não apenas capacitar os profissionais, mas também assegurar condições adequadas de trabalho, recursos materiais e supervisão contínua.

Palavras-chave: Higienização das mãos; Infecções hospitalares; Adesão à prática; Segurança do paciente; Profissionais de saúde.

Abstract

This study analyzed the adherence and practice of hand hygiene by healthcare professionals, a crucial measure in the prevention of hospital infections. To this end, several methods were used, such as the application of questionnaires, direct observations and analysis of institutional documents, in hospital settings in Brazil and other Latin American countries. The results indicated that, although professionals recognize the importance of hand hygiene, there are still significant gaps in knowledge and practice, especially at the times recommended by the World Health Organization (WHO). It was also observed that the lack of infrastructure – such as accessible sinks, alcohol gel dispensers and ongoing educational campaigns – compromises adherence to the protocol. In contrast, institutions that invested in continuing education, audits and management support demonstrated better compliance indicators. It is concluded that, in order to promote an effective patient safety culture, it is necessary not only to train professionals, but also to ensure adequate working conditions, material resources and ongoing supervision.

Keywords: Hand hygiene; Healthcare-associated infections; Practice adherence; Patient safety; Healthcare professionals.

Resumen

Este estudio analizó la adherencia y la práctica de la higiene de manos por parte de los profesionales de la salud, medida crucial en la prevención de infecciones hospitalarias. Para ello, se utilizaron diversos métodos, como la aplicación de cuestionarios, observaciones directas y análisis de documentos institucionales, en ambientes hospitalarios de Brasil y otros países de América Latina. Los resultados indicaron que, aunque los profesionales reconocen la importancia de la higiene de las manos, aún existen brechas importantes en el conocimiento y la práctica, especialmente en los momentos recomendados por la Organización Mundial de la Salud (OMS). También se observó que la falta de infraestructura – como lavabos accesibles, dispensadores de alcohol en gel y campañas educativas constantes – compromete la adherencia al protocolo. En contraste, las instituciones que invirtieron en educación continua, auditorías y apoyo a la gestión demostraron mejores indicadores de cumplimiento. Se concluye que, para promover una cultura de seguridad del paciente efectiva, es necesario no sólo formar a los profesionales, sino también garantizar condiciones de trabajo adecuadas, recursos materiales y una supervisión continua.

Palabras clave: Higiene de manos; Infecciones asociadas a la atención sanitaria; Adherencia a la práctica; Seguridad del paciente; Profesionales de la salud.

1 Introdução

A higiene das mãos é uma das medidas mais simples e eficazes para prevenir as Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS). Reconhecida mundialmente, essa prática é fundamental para a segurança do paciente e integra as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), especialmente por meio da proposta dos “Cinco Momentos para a Higiene das Mãos”. Embora seja amplamente difundida, a adesão a essa prática ainda representa um desafio em muitos serviços de saúde.

No Brasil, uma pesquisa conduzida por Lima et al. (2022) revelou que muitos profissionais da enfermagem ainda demonstram dúvidas sobre a técnica correta e sobre os momentos ideais para higienizar as mãos. Isso evidencia falhas na formação e no dia a dia do cuidado. Além disso, Borges et al. (2022) também ressaltaram a dificuldade de adesão devido à carência de itens básicos como sabão, papel toalha ou álcool em gel, bem como à baixa frequência de ações educativas nas instituições.

Em outros contextos da América Latina, como na Colômbia, os desafios relacionados à higiene das mãos apresentam características semelhantes. Um estudo de Rojas et al. (2021) ressalta que o apoio da gestão, a cultura organizacional e a oferta de treinamentos contínuos são elementos cruciais para a adesão a essa prática. Durante a pandemia de COVID-19, essas

questões se tornaram ainda mais evidentes, exigindo respostas ágeis e adaptações nos serviços de saúde para garantir a segurança dos pacientes e profissionais.

Diante desse cenário, este estudo tem como proposta analisar a forma como os profissionais de saúde realizam a higiene das mãos em diferentes realidades hospitalares, considerando os recursos disponíveis, o conhecimento da equipe e os fatores que influenciam essa prática tão essencial.

2 Metodologia

Esta revisão de literatura foi adotada como método de pesquisa com o objetivo de coletar e analisar informações sobre os desafios da higiene das mãos entre profissionais de saúde.

A investigação contemplou aspectos teóricos e práticos, focando nos potenciais riscos de contaminação e infecção decorrentes da não adesão às práticas adequadas de higienização. Foram incluídos estudos publicados entre 2020 e 2025, nos idiomas português e inglês, disponíveis na íntegra, que abordassem aspectos informativos voltados para profissionais de saúde em hospitais.

Excluíram-se revisões sistemáticas, cartas, editoriais e estudos duplicados. A busca sistemática foi realizada nas bases de dados LILACS, MEDLINE e BDENF (BVS), utilizando os descritores 'Educação', 'Higiene das Mãos' e 'Hospitais'. Após a leitura dos títulos e resumos, 16 artigos foram inicialmente identificados. Em seguida, com base na leitura criteriosa dos textos completos e na aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, três artigos compuseram a amostra final.

3 Resultados

A pesquisa de Lopes et al. (2023) foi realizada no Pronto Atendimento Médico (PAM) de um hospital de ensino em Mato Grosso do Sul, Brasil. O PAM funciona 24 horas por dia e atende pacientes adultos e pediátricos. Participaram do estudo 90 profissionais de enfermagem, sendo 62 técnicos, 26 enfermeiros assistenciais e 2 enfermeiros gerentes. A maioria dos participantes (87,7%) era do sexo feminino, com idade predominante entre 32 e 40 anos (41,1%). Desses, 80% afirmaram ter participado de capacitação sobre segurança do paciente, o que evidencia um perfil profissional com experiência e contato prévio com temas relacionados à qualidade do cuidado.

Em relação ao conhecimento sobre as estratégias de segurança do paciente, Lopes et al. (2023) identificaram que o item com maior taxa de acertos foi a compreensão dos cinco momentos para a higienização das mãos, com 84 profissionais (93,3%) respondendo corretamente. Esse alto percentual de acertos pode ser atribuído às campanhas institucionais de incentivo e às ações educativas contínuas realizadas na instituição, o que indica maior sensibilização da equipe quanto à prevenção de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS). No entanto, o estudo não avaliou a prática observacional da higienização, o que ressalta a necessidade de verificar se esse conhecimento é efetivamente aplicado no cotidiano assistencial.

Adicionalmente, os dados indicaram que profissionais com pós-graduação (média de acertos: 5,07), enfermeiros (4,89), aqueles com apenas um vínculo empregatício (4,50) e os que participaram de capacitações sobre segurança do paciente (4,44) apresentaram melhor desempenho no questionário. Observou-se diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre enfermeiros e técnicos, entre profissionais com ensino técnico e pós-graduação, entre indivíduos capacitados e não capacitados, e entre aqueles com 1 a 5 anos e 6 a 10 anos de experiência profissional no hospital. Contudo, 70% dos participantes relataram não ter preenchido nenhum relatório de evento adverso no último ano. Esse dado evidencia uma discrepância entre o conhecimento teórico — como o alto índice de acerto sobre higienização das mãos (93,3%) — e a prática efetiva de segurança do paciente no cotidiano assistencial.

Em um estudo de Junior et al. (2022) realizado em um Centro de Terapia Intensiva (CTI), que contava com três Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), apenas duas estavam operacionais no período da coleta de dados. O CTI empregava 88 profissionais fixos, distribuídos da seguinte forma: 15 (17%) enfermeiros, 51 (57%) técnicos em enfermagem e 22 (25%) médicos (incluindo diaristas e plantonistas). Das 11 pias identificadas, somente 5 estavam plenamente funcionais, equipadas com água, sabonete e papel toalha. Havia 16 dispensadores de preparação alcoólica (tipo parede), mas apenas 7 estavam operacionais. Adicionalmente, 17 frascos fixos foram observados próximos aos leitos, contudo, nenhum profissional possuía frascos de bolso.

Todas as unidades possuíam cartazes instrutivos sobre a higienização das mãos com água e sabão, e também sobre a fricção antisséptica com preparação alcoólica. Manuais com diretrizes sobre a higienização das mãos também estavam disponíveis. No entanto, não foram identificados cartazes indicando os cinco momentos para a higienização, nem materiais de promoção da prática. Água estava sempre disponível em todas as pias, e os frascos fixos com preparação alcoólica encontravam-se ao alcance dos profissionais. Os dispensadores de parede

estavam disponíveis apenas esporadicamente, e os frascos de bolso não eram empregados pelos profissionais.

A UTI 1 apresentou a maior taxa de pias por leito, com três para cada dez leitos, seguida pela UTI 3, com duas para cada sete leitos. A UTI 2, por sua vez, não possuía nenhuma pia operacional. A distribuição dos dispensadores de preparação alcoólica seguiu um padrão semelhante: a UTI 1 e a UTI 3 dispunham de equipamentos ao lado de todos os leitos, enquanto a UTI 2 estava desprovida desses recursos devido à sua interdição. Apenas 5 das 11 pias continham papel toalha e sabonete líquido disponíveis. As preparações alcoólicas eram reabastecidas semanalmente ou conforme a necessidade. No entanto, os cartazes ilustrativos, embora presentes, apresentavam difícil visualização por estarem antigos. As capacitações sobre higienização das mãos ocorriam de forma esporádica, e as auditorias de adesão eram realizadas apenas uma vez ao ano.

Em seu estudo, Batista et al. (2020) enfatizaram que a Estratégia Multimodal da OMS é crucial para a promoção da Higiene das Mãos (HM), particularmente no cenário da pandemia de COVID-19. Eles observaram que a implementação dessa estratégia em hospitais de campanha demanda adaptações específicas, principalmente no que diz respeito ao componente de Mudança no Sistema (Infraestrutura). As ações propostas incluíram a seleção de líderes para a implantação da estratégia, a disponibilização de insumos essenciais (água, sabão, papel toalha e solução alcoólica) em pontos estratégicos e o uso de frascos de bolso pelos profissionais. Além disso, destacaram a instalação de lavatórios em proporção adequada ao número de leitos, com a possibilidade de uso de estruturas portáteis, se necessário.

No que tange ao componente de Formação/Educação, Batista et al. (2020) destacaram a essencialidade da capacitação contínua dos profissionais para assegurar a adesão às práticas de Higiene das Mãos (HM). Essa formação deve ser implementada tanto antes quanto durante a operação dos hospitais de campanha, com ênfase em situações de contratação emergencial. Os resultados revelam que o desconhecimento dos colaboradores acerca de normas e protocolos de HM, especialmente no cenário da COVID-19, exige ações educativas que empreguem estratégias ativas e de fácil acesso, tais como plataformas online, rodas de conversa e recursos audiovisuais. A educação permanente, mesmo em sua modalidade básica, foi considerada essencial para garantir a segurança do paciente e mitigar a transmissão viral.

Em relação ao componente "Lembretes no local de trabalho", os autores afirmaram que o uso de cartazes, slogans e mensagens visuais em pontos estratégicos se mostrou eficaz para reforçar a importância da Higiene das Mãos (HM) entre profissionais, pacientes e familiares. Esses lembretes devem incluir orientações sobre técnicas apropriadas e a relevância da HM na

prevenção da disseminação viral. Além disso, os resultados demonstraram que frases motivacionais e alertas visuais em áreas de circulação e equipamentos constituem ferramentas valiosas para aumentar a conscientização e promover mudanças comportamentais em serviços de saúde temporários.

4 Discussão

Lopes et al. (2023) relatam que a Higiene das Mãos (HM) obteve o maior índice de acerto entre as estratégias de segurança do paciente, com 93,3% de êxito entre os profissionais de enfermagem. Esse dado sugere que o tema está consolidado nas rotinas hospitalares, provavelmente devido a campanhas institucionais e às exigências de órgãos reguladores como a Anvisa e a OMS. No entanto, o conhecimento técnico por si só não garante a adesão à prática. Por isso, é fundamental que as instituições invistam em ações educativas contínuas que, para além da informação, incentivem o engajamento dos profissionais. Isso pode ser alcançado por meio de metodologias participativas, feedback estruturado e a integração da HM nas capacitações permanentes.

Apesar do elevado conhecimento sobre a Higiene das Mãos (HM), os baixos índices de notificação de eventos adversos e a percepção de falhas na comunicação entre a equipe revelam lacunas na cultura de segurança institucional. Nesse cenário, as estratégias educacionais devem transcender a mera transmissão de conteúdo, incorporando metodologias ativas como simulações realísticas, discussões de casos e oficinas práticas. Tais ações são essenciais para fortalecer a ligação entre teoria e prática, promovendo uma maior consciência crítica sobre a importância da HM na prevenção de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) e outros eventos adversos.

Lopes et al. (2023) ressaltam ainda que aprimorar a segurança do paciente exige a valorização de boas práticas no dia a dia dos serviços de saúde. Nesse sentido, a criação de núcleos multiplicadores, formados por profissionais capacitados para sensibilizar e orientar suas equipes, representa uma estratégia eficaz. Adicionalmente, campanhas visuais nos diferentes setores, o incentivo institucional e o apoio das lideranças imediatas são cruciais para integrar a higienização das mãos à cultura organizacional. Desse modo, as ações educativas devem ser contínuas, contextualizadas e focadas na prática, visando promover o senso de responsabilidade compartilhada e a melhoria da qualidade assistencial.

Junior et al. (2022) enfatizam que a adesão às práticas de Higiene das Mãos (HM) se vincula diretamente à disponibilidade de insumos adequados, à infraestrutura e à educação

continuada dos profissionais de saúde. Os resultados de um estudo realizado em um Centro de Terapia Intensiva (CTI) revelam deficiências críticas nesses aspectos. Das 11 pias disponíveis, apenas 5 estavam plenamente funcionais, equipadas com água, sabonete e papel toalha, o que se configura como uma limitação significativa para a correta execução da HM. Adicionalmente, das três Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) existentes, uma encontrava-se interditada. A taxa de pias por leito variava consideravelmente entre as unidades, com um destaque preocupante para a UTI 2, que não dispunha de nenhuma pia em funcionamento.

Ainda conforme os dados, embora houvesse 16 dispensadores de preparação alcoólica de parede, somente 7 estavam operacionais e abastecidos, com reabastecimento semanal ou conforme a necessidade. Não se identificaram frascos de preparo alcoólico de bolso entre os profissionais de saúde, e os cartazes ilustrativos sobre HM, mesmo presentes, apresentavam condições precárias de visualização. Esses fatores dificultam a internalização das boas práticas pela equipe e comprometem a eficácia das ações educativas. Junior et al. (2022) reforçam que as barreiras estruturais e as falhas na comunicação visual constituem entraves significativos para a consolidação de uma cultura de segurança do paciente.

Além das limitações físicas e estruturais, a pesquisa também evidenciou deficiências na educação continuada. Os treinamentos sobre Higiene das Mãos (HM) ocorreram de forma esporádica nos últimos dois anos, e as auditorias de adesão eram realizadas apenas uma vez por ano. Embora enfermeiros e médicos tenham recebido capacitações específicas, a irregularidade da educação em serviço compromete a consolidação de práticas seguras e rotineiras. Conforme apontam Junior et al. (2022), a combinação de deficiências estruturais e a ausência de políticas sistemáticas de capacitação enfraquece as estratégias de prevenção de infecções hospitalares, colocando em risco a qualidade e o benefício da assistência prestada aos pacientes em unidades críticas, como o Centro de Terapia Intensiva (CTI).

Diante dessa conjuntura, o artigo “Intenção comportamental da adesão à higiene das mãos em um hospital equatoriano médio”, publicado em 2022 pela Faculdade de Medicina da Universidade Internacional do Equador, reafirma a necessidade de práticas de incentivo à Higiene das Mãos (HM) e do trabalho em equipe. Assim, a partir de uma investigação sobre o conhecimento e a intenção comportamental de higienização das mãos (HHBI) entre profissionais de saúde em um hospital de médio porte no Equador, o estudo aborda o desconhecimento desses profissionais acerca da importância e do dever da HM.

Ademais, os dados, coletados em três setores hospitalares (clínico, cirúrgico e terapêutico), revelaram um elevado desconhecimento sobre práticas básicas de higiene das mãos, particularmente nos momentos “antes do contato com o paciente” (BPC) e “após o

contato com o ambiente do paciente” (ACEP). Embora a maioria dos participantes tenha declarado ter recebido treinamento, observou-se uma lacuna entre o conhecimento teórico e a prática efetiva.

A pesquisa, realizada por meio do questionário validado da OMS (WHO-Q), revelou que a adesão à higienização das mãos no contexto hospitalar é um fator preocupante, abrangendo inclusive estudantes da área da saúde em treinamento. Os resultados indicam que a idade média dos participantes era de 34 anos, com 62% da amostra pertencente ao agrupamento clínico e 87,6% possuindo treinamento formal prévio em higiene das mãos. As taxas de respostas incorretas para os momentos 'antes e após a técnica estéril e o manejo de fluidos corporais', 'previamente ao contato com o paciente' e 'após o contato com o ambiente do paciente' foram de 30,2%, 88,4% e 99,2%, respectivamente. A análise estatística apontou relações significativas entre o treinamento, o setor de atuação e as respostas incorretas.

Portanto, os autores concluem que é essencial reforçar a estratégia multimodal da OMS, com foco no treinamento contínuo e na adaptação ao contexto local, visando aprimorar a adesão à higienização das mãos e a segurança do paciente, visto que, mesmo com a realização de treinamentos, a aplicação dos conhecimentos sobre HM não se demonstra efetiva.

Batista et al. (2020) propõem adaptações da Estratégia Multimodal de Higienização das Mãos da Organização Mundial da Saúde (OMS) para o contexto específico dos hospitais de campanha durante a pandemia de COVID-19. A partir de uma reflexão teórica, os autores ressaltam a importância dos cinco componentes da estratégia: mudança de sistema (infraestrutura), treinamento e educação, avaliação e feedback, lembretes no local de trabalho e clima institucional de segurança. O estudo reforça que a higienização das mãos é uma prática essencial para a segurança do paciente e para a prevenção da transmissão do SARS-CoV-2, especialmente em estruturas emergentes que enfrentam desafios operacionais e de recursos. A implementação eficaz da estratégia, mesmo com recursos limitados, pode contribuir significativamente para o cuidado seguro de pacientes e profissionais de saúde em situações de crise sanitária.

5 Conclusão

A higiene das mãos é um componente essencial no controle de infecções hospitalares e na promoção da segurança do paciente. Apesar de sua importância amplamente reconhecida, a adesão por parte dos profissionais de saúde ainda enfrenta desafios diversos, como a sobrecarga de trabalho, a falta de conscientização e o acesso inadequado a recursos. Nesse contexto,

estratégias educacionais bem estruturadas desempenham um papel fundamental para sensibilizar, capacitar e engajar as equipes multiprofissionais.

Iniciativas educativas baseadas em abordagens interativas, contínuas e alinhadas à realidade dos profissionais mostram-se mais eficazes na mudança de comportamento. Programas de treinamento, oficinas práticas, campanhas internas e o uso de recursos tecnológicos, como vídeos, aplicativos e lembretes visuais, têm demonstrado impacto positivo na adesão às práticas de higiene das mãos. Ademais, a liderança e o exemplo de gestores e profissionais de referência também são determinantes no fortalecimento de uma cultura institucional voltada à segurança.

Portanto, investir em estratégias educacionais não só aprimora o conhecimento técnico, mas também promove o comprometimento individual e coletivo com a qualidade do cuidado. Para alcançar resultados sustentáveis, é essencial que essas ações sejam contínuas, monitoradas e adaptadas às necessidades locais. Somente assim será possível transformar a higiene das mãos em um hábito consolidado no cotidiano hospitalar, contribuindo significativamente para a prevenção de infecções e a melhoria dos desfechos em saúde.

Referências

BATISTA, Josemar *et al.* **Multimodal strategy for hand hygiene in field hospitals of COVID-19.** *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, e20200487, 2020.

BORGES, A. C. de S. et al. **Adesão à higienização das mãos por profissionais de saúde em unidade hospitalar pública.** *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 43, e20210475, 2022.

ESCUADERO, Pía; AYALA, Mireia Urrea; ROMERO, Natalia. **Behavioural intention of hand hygiene compliance in an average Ecuadorian hospital.** *Revista da Associação Médica Brasileira*, São Paulo, v. 68, n. 9, p. 1172–1177, 2022.

GÓMEZ, Ana María *et al.* **Intenção comportamental da adesão à higiene das mãos em um hospital equatoriano médio.** *International Journal of Infection Control*, [S.l.], v. 18, n. 3, p. 1–12, 2022.

LIMA, N. G. de et al. **Conhecimento de profissionais de saúde sobre higienização das mãos: subsídios para o enfrentamento da COVID-19.** *Revista Rebis*, v. 10, n. 1, p. 1–15, 2022.

LOPES, Brenda de Araújo *et al.* **A Cultura de Segurança do Paciente na Perspectiva da Equipe de Enfermagem.** *Cogitare Enfermagem*, v. 28, p. e86111, 2023.

ROJAS, J. G. P. et al. **Cultura institucional y adherencia a la higiene de manos del personal de enfermería en tiempos de pandemia por COVID-19.** *Revista Científica de la Escuela Superior de Administración Pública*, v. 9, n. 1, p. 50–62, 2021.

SILVA JÚNIOR, Ademir Ferreira da *et al.* **Estrutura física e insumos destinados à higienização das mãos no CTI de um hospital público.** *Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção*, Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 4, 202.